

Ivan Rodrigues dos Santos

DANÇANDO
NO ALTO DA
MONTANHA



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

DANÇANDO
NO ALTO DA
MONTANHA

Ivan Rodrigues dos Santos

DANÇANDO
NO ALTO DA
MONTANHIA

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Ivan Rodrigues dos Santos

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
Imagens: Depositphotos
1ª edição – outubro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, Ivan Rodrigues dos
Dançando no alto da montanha / Ivan Rodrigues dos Santos. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
62 p.

ISBN: 978-65-86751-36-9

1. Poesia brasileira I. Título

20-3520

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

AGRADECIMENTOS

NOSSO DESTINO É CRIAR ASAS E VOAR. Graças à arte, essa possibilidade existe. Por isso estou caminhando por lugares que não foram aplanados para mim. Este é o milagre da arte, nos fazer enxergar certas águas, nos ajudar a caminhar sobre elas, transformando-as, depois, em vinho.

Minhas reflexões, aqui destiladas, são fruto, também, de outras mãos. Outros braços estendidos que me ajudaram nas terríveis tempestades pelas quais passei na graduação em Artes. Período da escrita destes poemas, meu muito obrigado à UFSB. Por falta de espaço, nomeio aqui apenas alguns dos muitos ajudadores:

Naomar de Almeida Filho, meu querido reitor, e os admiráveis mestres: Angela Ignatti, Antônio José Costa Cardoso, Daniel Fills Puig, Evani Tavares Lima, Fábio Nieto, Fernanda L. Lunkes, Fabiana Lima, Jane Mary Guimarães, João Filipe Sebadelhe Santos Conceição, Ita Silva, Isabel Cristina Farias de Lima, Martin Domecq, Gilmar Oliveira, Gustavo Gonçalves e Vanner Boere. Amigos e corresponsáveis por este voo literário. Meu muito obrigado.

Em memória de Joaquim Rodrigues dos Santos, Amélia Silva Santos, meus pais, e Olindina Rodrigues dos Santos, irmã. Vivos para sempre em minhas memórias.

Ivan Rodrigues dos Santos
Itabuna, 14 de agosto de 2020.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Vida	11
Mãos	12
Poesia sanduíche: dilema brasileiro	13
Poema-resposta: ai! Mérica Latina	15
Marginal	16
Ambição	17
Foi-se primavera	18
Felicidade	18
Mar instigante	19
Flores	20
Lutar	21
Palavras-águas	22
Auroras	22
Se des	23
Perfil	24
Na rua	25
Camisa	26
Janela do castelo	27
Soberbamente	28
Inverno	29
Cante esperanças	30
Andorinha	30
Artista da vida	31
Desamparo	32

Ansiedade	33
Cinco	33
Vestidos	34
Apartamento	35
Vou descobrir um país	36
Teias e aranhas	37
Desgravidade	38
Dançando no alto da montanha	39
Gira o tempo	40
Espelho da dor	41
Perdão	42
Vidaventura	43
Tempo indo	44
Noite escura	45
Onde fascismo?	46
Chuva ciclo	46
Conte o tempo	47
Escravo	48
Pena branca e preta	49
Humano	50
Eterno amor	51
Desafio	52
A chuva	53
Casa Brasil	54
Recorte	55
Oração	56
Ressurgimentos	57
Esperançamento	58
Ancestralidade	59
O fim do mundo, a esperança	60
Tempo cumprido, ligeiro	61

PREFÁCIO

O MULTIARTISTA IVAN RODRIGUES DOS SANTOS exerce uma espécie de liderança poética em tudo o que faz, seja atuando, brincando no bumba meu boi de mascote, esculpindo e animando bonecos ou educando. A partilha de memórias, experiências e apreensões estéticas da vida se dá entre nós desde que nos conhecemos no curso de Artes da UFSB.

Sua poesia se inscreve como uma expansão do olhar poético sobre todas as coisas do mundo e sobre questões que movem a nossa existência, como a imagem entrevista da fênix, a renascida das cinzas no poema *Vida*, que abre a dança poética por onde o(a) leitor(a) irá percorrer nas próximas páginas.

Reflexões sobre as relações sociais no Brasil e a encruzilhada cultural que nos caracteriza enquanto nação brasileira e “América Ladina” (expressão de Lélia Gonzalez para nomear o racismo enquanto ciência do colonialismo europeu). Dessa forma, poemas como *Marginal*, *Cante esperanças* e *Casa Brasil* trazem mosaicos fractais de colonialidade do poder, do saber e do ser enquanto parte de nossa ladinidade histórico-social.

Por outro lado, uma existência pulsante, viva e marginalmente reflexiva entrelaça acontecimentos do cotidiano — remetidos a partir das dedicatórias, quase todas perpassadas pelos encontros na universidade — com uma apreensão rítmica da vida, nos seus

fluxos e refluxos, como se pode ler em *Ambição*, *Mar instigante*, *Flores*, *Andorinha*, *Mãos*, dentre outros poemas do livro.

Os recortes dessa dança no alto da montanha nos trazem uma subjetividade errante, que, nos desvãos da caminhada, aproveita as pedras no meio do caminho e não se permite calar, embora haja silêncios desconcertantes nesse poeta. Afinal, “o que é possível fazer quando se é andarilho perdido na própria mente?” (poema *Ansiedade*).

Não é nem porque *Pena branca e preta* é dedicado a mim, nem porque a amizade com o autor segue nas duas comedidas cervejas de sexta (quando tudo voltar ao des-normal), não é nem mesmo porque este é o primeiro livro de Ivan dos muitos que virão ladeira adentro. É porque a cadência é boa, as palavras devassam esquinas, paranoias delirantes. A gira e a ginga dão cor aos poemas que agora vos apresento. Vale o transe!

Fabiana Lima

Doutora em Estudos Éticos e Africanos.
Professora da UFSB e comunicadora digital.

VIDA

Vou tocando a vida, como ela me toca.
De concreto somente o passado.
Por isso ando para frente, olhando para trás.
Aprendendo com os erros, guardando respeito,
pelos amados e mais.

Vida, vida, círculos sem fim.
Idas e vindas, mesmas pegadas por onde passo.
Quem me dará conhecer seu misterioso compasso?

MÃOS

A mão que acusa também assassina;
Entre outras coisas, ensina;
Ensine a mão assassina;
A não acusar, ensine.

A mão assassina não ensina, distorce sabedoria;
Resultados acusam suas intenções;
Isso aprendemos com o tempo;
Reconhecendo, no fruto, a raiz.

Tal como o diabo, a mão assassina acusa o que não pôde pegar;
Invejosa, ensina assassinatos nas falsas acusações;
E somente isto ela faz, acusa e assassina;
Enfraquecendo e corrompendo outras mãos.

A mão que ensina também acusa e assassina;
Acuse quem ensina e assassina;
Quem ensina e assassina jovens mãos.

Minha vida não é um mar de rosas, tem sido um oceano de tormentas; atravesso-a como se brinca de montanha-russa e roda gigante. Em pé, no alto da montanha, posso apreciar o panorama: algumas ilhas no meio do percurso, desertos e oásis. Sigo avante.

Errei muito, amei demais, ri e chorei, abracei e me afastei; sofri, desesperei, nas perdas me encontrei. Fui triste e feliz tantas vezes que perdi a conta. Mas cheguei até aqui, pleno, sereno e inquieto como sempre.

Meu Deus! Como valeu a pena, cada dia, minutos, segundos de minha existência, outro jeito não me caberia. Me descubro satisfeito. Fiz planos que não deram certo, tive sonhos que não realizei; a maravilha é estar aberto às surpresas. Como será daqui pra frente, não sei, prossigo amando a vida, valorizando tudo para morrer aprendendo. Do alto da montanha ainda aceito convite para dançar.

